

MAR./ABR./1986 - Nº 2

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

O Sedutor de Multidões: OUTRO CONCEITO DA TELEVISÃO



**A Igreja é Aquilo
que Você É**

**A COMUNICAÇÃO
nas Relações Humanas**

Gerente Geral:

Carlos Magalhães Borda

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

Redator:

Almir A. Fonseca

Diretor de Arte:

Rogério Sorvillo Vieira

Programador Visual:

Cláudio Sampaio de Oliveira

Capa:

Werner/Casa

Colaborador Especial:

Daniel Belvedere

Colaboradores:

*João Wolff, Severino Bezerra
Pável Moura, Jefte de Carvalho
Luís Nunes*

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF
Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira.

EDITORIAL

3 AGORA É O MOMENTO

Pastor José Justiniano

ARTIGOS

4 A COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS

Daniel Sosa

7 COMO MANTER A ESPOSA FELIZ

Fran Sciacca

11 O SEDUTOR DE MULTIDÕES: OUTRO CONCEITO DA TELEVISÃO

Daniel Scarone

14 A IGREJA É AQUILO QUE VOCÊ É

15 PASTOR, PSICÓLOGO E PSIQUIATRA COMO COLEGAS

Dr. César Vasconcellos de Souza

18 OS ANIMAIS PUROS E OS IMPUROS DE LEVÍTICOS ONZE

Angel Manuel Rodriguez



Fotos: Erló/Casa

AGORA É O MOMENTO

PASTOR JOSÉ JUSTINIANO

Associação Ministerial
Divisão Sul-Americana

Deus tem abençoado de maneira notável o programa missionário da Igreja e o serviço fiel de seus membros. Podemos exclamar fervorosamente: "Até aqui nos ajudou o Senhor" (I Sam. 7:11 e 12).

Mas a ordem atual é: "... dize aos filhos de Israel que marchem" (Êxo. 14:15). Estamos em marcha.

O cumprimento da profecia pede um evangelismo total da parte da Igreja (S. Mat. 24:14), tão completo que se combine perfeitamente com as atividades dos pastores e membros. Não se trata de planos parciais, mas de ver a Obra terminada. Não é questão de duplicar o número de membros, mas de iluminar cada lar com o evangelho. Aproxima-se o fim e nos precipitamos vertiginosamente para a eternidade.

Faz anos que começou o Juízo Investigativo. Nunca antes houve tantas dificuldades no mundo e jamais presenciamos tantas profecias que assinalam inequivocamente o fim.

"Se houve jamais uma crise, essa crise é justamente agora" (*Test. Sel.*, vol. II, pág. 371).

"Uma virtude especial acompanha presentemente a proclamação desta mensagem; mas por quanto tempo? — Só por um pouco de tempo ainda" (*Idem*).

"Agora é o tempo de proclamar a última advertência." *Idem*.

"Esforços decididos têm de ser enviados, a fim de apresentar esta mensagem ao povo de modo preeminente." *Idem*.

Esta hora portentosa requer que aceleremos nossas atividades missionárias. Para este tempo o conselho é o seguinte: "De porta a porta têm Seus servos de proclamar a mensagem de salvação." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 29. Temos duas opções: Não só devemos esperar que as pessoas venham a nós, mas devemos ir bater às suas portas.

Um sentido de solenidade deveria apoderar-se de nossos corações, penetrar nossos pensamentos e regular nosso serviço, porque o destino eterno da humanidade depende da ação que é realizada agora.

Temos lido o desafio que Deus nos faz mediante sua serva. Ei-lo: "Não estamos como cristãos fazendo a vigésima parte do que deveríamos fazer para ganhar almas para Cristo." — *Serviço Cristão*, pág. 12.

O que esperamos agora? "Quando tivermos uma consagração completa de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato mediante um derramamento, sem medida, de Seu Espírito." — *Serviço Cristão*, pág. 253.

Não podemos dizer meu senhor tarda em vir", porque a hora é avançada; a vida eterna é preciosa e o chamado de Deus para que proclamemos Sua mensagem é urgente: "Evangelizai as cidades sem demora, porque o tempo é curto. ... — *Evangelismo*, pág. 33

"As cidades devem ser trabalhadas. Os milhões que residem nesses centros densamente populadas devem ouvir a mensagem do terceiro anjo." — *Idem*, pág. 35.

"A verdadeira santidade é integridade no serviço de Deus." — *Parábolas de Jesus*, pág. 48.

A santidade é vista no serviço de Deus, Aquele a quem nos temos santificado. Cristo espera que nos aliestemos para realizar Sua obra... com um grande espírito missionário, disposto a pregar e a ensinar. Lembra-nos de que: "Unicamente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo, demonstrar-se-á afinal haver sido eficaz." — *Serviço Cristão*, pág. 99.

"Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força desse alimento caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus. Ali entrou numa caverna, onde passou a noite. E eis que lhe veio a palavra do Senhor, dizendo: Que fazes aqui, Elias? Ao que Deus lhe disse: 'Vem cá fora'

e põe-te no monte perante o Senhor. E eis que o Senhor passou; e um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do Senhor, porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto, porém o Senhor não estava no terremoto." I Reis 19:8, 9 e 11.

Devemos reconhecer que "em Sua providência Deus está chamando Seu povo a sair da limitada esfera de ação em que vivem, a fim de estarem em maiores empreendimentos". — *Test. Sel.* vol. I, pág. 385

"Onde quer que vejamos trabalho a ser feito, devemos tomá-lo e fazê-lo, olhando constantemente a Jesus." — *Serviço Cristão*, pág. 78

Vivemos dias promissores para a conquista de almas. As hostes celestes estão à

nossa disposição. "Nesta obra todos os anjos do Céu estão prontos a cooperar. Todos os recursos do Céu estão à disposição dos que procuram salvar os perdidos. Os anjos vos auxiliarão a alcançar os mais indiferentes e empedernidos." — *Idem*, pág. 259

Quão gloriosa é a promessa de que "a velocidade do relâmpago representa a rapidez com que a obra de Deus há de por fim ser consumada"! — *Test. Sel.* vol. 2, pág. 353.

"Pois quem quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano; aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz e siga-a. Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os Seus ouvidos atentos à sua súplica; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem o mal." II Pedro 3:10-12.

A COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS

DANIEL SOSA

Introdução:

A comunicação nas relações humanas, não pode ser considerada apenas como uma coisa ou um fato discreto ou isolado, e menos ainda como um acidente. Ela se assemelha a uma necessidade "contínua" da vida. O comunicólogo K. K. Sereno, diz: "A comunicação é um processo que se estabelece dentro das variações de nossos interesses e necessidades".¹

Quer se trate da intercomunicação (comunicação consigo mesmo), da comunicação interpessoal ou intersocial, há sempre um princípio que rege, a saber, que em toda comunicação deve existir um transmissor, fonte ou cifrador e um receptor ou decifrador.

Sendo que o relacionamento é um "contínuo" humano e que desempenha um papel importantíssimo na vida, justifica-se o estudo cuidadoso e a prática da ciência e da arte da comunicação.

1. Definições de Comunicação

a) "Comunicação é o processo mediante o qual as fontes e receptores de mensagens atuam entre si num determinado contexto social".²

b) "O conceito de comunicação pode ser entendido como o ato de relação mediante o qual duas ou mais pessoas evocam em comum um significado".³

2. Três Critérios Para Analisar a Comunicação:

a). Comunicação Intersocial

- a' É unidirecional
- b' Não há intercruzamento das esferas entre tempo e espaço
- c' Usa canais técnicos (aparelhos mecânicos e elétricos)
- d' Dá-se em nível de massa, num público anônimo
- c' Requer menos fidelidade e menos *feedback* ou realimentação.

b). Comunicação Interpessoal.

- a' Possui bilateralidade ou direção dupla
- b' Existe cruzamento das esferas entre tempo e espaço
- c' Ocorre entre duas pessoas ou um grupo reduzido
- d' Usa principalmente canais naturais (os sentidos)
- e' Influí diretamente e com maior fidelidade
- f' O *feedback* (realimentação) é

direto e bem acentuado.

c). **Intracomunicação**

A intracomunicação é a comunicação consigo mesmo.

A pessoa torna-se a fonte e receptor de uma mensagem interna e pessoal.

A intracomunicação influi numa auto-reflexão sobre qualquer assunto que se refere à pessoa.

3. **Propósito da Comunicação Nas Relações Humanas.**

a) **Persuadir:** Apelo feito à alma, às emoções

b) **Informar:** Apelo feito à mente

c) **Entreter:** Convite à distração, à recreação, etc.

Em resumo, "comunicamo-nos para intencionalmente"⁴

4. **O Processo da Comunicação, Segundo a Funcionalidade.**

A). **A Fonte**

A fonte ou transmissor de mensagem, é onde se origina a mensagem. Para conseguir fidelidade, a fonte deve determinar quais são seus objetivos. Há aspectos da fonte que podem influenciar a fidelidade comunicativa.

Alguns dos fatores que influenciam:

- Características psicológicas e sociais.
- Idade e sexo.
- Maneira de ver a vida.
- Religiosidade.
- Normas morais.
- Contexto familiar.
- Atitude para com o receptor.

"As atitudes da fonte para com seu receptor influenciam a comunicação. Quando os leitores ou ouvintes notam que o escritor ou o orador (ou qualquer pessoa que gere a mensagem) os apreciam, mostram-se muito menos críticos de suas mensagens. Muito mais dispostos a aceitar o que eles dizem. Aristóteles chamou a esta característica ETHOS."⁵

Que Espécie de Fonte ou Transmissor de Mensagem é Você?

(Sublinhe o que acredita ser)

- | | | |
|---------------|---------------|-------------|
| 1. Negativo | Volúvio | Positivo |
| 2. Pessimista | Intermediário | Altruísta |
| 3. Duvidoso | Variável | Sem Dúvidas |

- | | | |
|----------------|---------------|-----------------------|
| 4. Imitativo | Variável | Criativo |
| 5. Imaturo | Intermediário | Emocionalmente Maduro |
| 6. Irreligioso | Liberal | Religioso |
| 7. Introverso | Variável | Extroverso. |

B). **Codificação**

Codificação é o processo de expressar as idéias em Códigos, os quais são sistemas de símbolos e sinais estruturados; por exemplo, a linguagem.

Na comunicação interpessoal, a função de codificar é efetuada por meio da capacidade motora cerebral da fonte.

As expressões: Por que você não me entende? Você me impacienta! Etc., são comuns quando duas pessoas perdem a calma, porque a pessoa número um (fonte) não soube traduzir (codificar) suas idéias com sinais e símbolos (códigos) de mútua compreensão com a pessoa número dois (receptor).

Em geral se diz: Você não me entende! Melhor seria dizer: Não me fiz entender!

A única maneira de sabermos se as idéias foram codificadas segundo o código comum é a reação, a resposta ou feedback do receptor (ouvinte, leitor ou visor).

Que acha você?

Vale a pena expressar (codificar) bem as idéias?

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Discordo inteiramente
- d) Discordo com reservas

É bom expressar minha simpatia, respeito, carinho, etc. por uma pessoa, sem que esta entenda?

- a) Concordo
 - b) Não concordo
 - c) Discordo inteiramente
 - d) Discordo com reservas
- C). **A mensagem**

A mensagem é o resultado da codificação. É tudo aquilo que é transmissivo. É tudo que relaciona a fonte com um receptor. De acordo com o tipo de mensagem, a comunicação divide-se em comunicação gráfica, comunicação verbal e comunicação não verbal. Em geral, recebemos e damos as mensagens em sinais e símbolos estruturados, chamados linguagem ou código da linguagem. A língua é o órgão mais vivo no relacionamento e, portanto, na sociedade. A linguagem adquire vida quando se fala.

Se manejarmos a mensagem em nível de linguagem em seus diferentes critérios: gramatical, sintático, morfológico ou semântico, notaremos que na comunicação e no fazer-nos entender como entender a mensagem, há uma verdadeira ciência.

D) O canal

O canal é o meio no qual se plasma a mensagem. É um conduto portador de mensagens.

O relacionamento humano moderno tem a seu dispor muitos meios ou canais de comunicação. Os colonizadores de nosso continente invejariam os canais de comunicação que temos hoje.

Canais como os satélites, o telefone, a imprensa, o telégrafo, o correio e muitos outros meios que estão aparelhados para transmitir mensagens.

Você e Seus Canais Humanos de Comunicação

Faça uma lista de cinco meios de comunicação que você usou ultimamente para comunicar-se com seus amigos e familiares.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

E). A Descodificação.

Descodificar é transferir um código para idéias e conceitos. É o contrário de codificar. O descodificador traduz novamente, descodifica a mensagem e lhe dá forma para que ela seja utilizável pelo receptor. O descodificador é o conjunto de faculdades sensoriais do receptor.

“O processo de condificação-descodificação pode ser amplamente definido como a monitoração que envolve a tradução de sinais. Na fase de codificação, a origem de comunicação, traduz e transfere a mensagem em sinais, os quais seriam depois transmitidos ao receptor; na fase de descodificação, o receptor da comunicação, transfere e traduz os sinais transmitidos na forma de mensagens. Não obstante, a codificação-descodificação ocorre simultaneamente.

Um processo é o inverso do outro e a ma-

neira em que o cérebro humano transforma os sinais em mensagem é idêntica à maneira em que o cérebro transforma a mensagem em sinais.”⁶

Se lermos uma mensagem, e quisermos entendê-la, pomos em funcionamento as faculdades sensoriais de nosso cérebro e imediatamente nos afloram à mente as referências da mensagem; evidências, cores (se houver), idéias, conceito da mensagem e toda espécie de sinais de referência, depois entendemos a mensagem.

Quando entendemos a mensagem, esta nos influencia pelo menos de três maneiras: Cognoscitiva, afetiva e psicomotora ou da ação.

Parágrafos de Mensagens Para Descodificar

(Explique o que o autor quer dizer)

1.- “Um erro é tanto mais perigoso quanto maior a quantidade de verdade que contenha.”

2.- “Às vezes é menos desagradável ser enganado por quem se ama do que ser enganado.”

3.- “Não há melhor guia para o homem do que a luz de uma consciência limpa.”

F). O Receptor

O receptor é a pessoa que capta a mensagem. Os receptores se dividem em duas classes: Os intencionais, ou seja, aqueles aos quais é dirigida a mensagem; os não intencionais, ou seja, que captam a mensagem sem que sejam a eles dirigidas.

Receptor é aquele que dá significado à mensagem. Dessa forma, em comunicação, aquele que ouve desempenha um papel vital na compreensão das mensagens.

Um bom receptor deve ter pelo menos:

- Uma atenção de abertura normal.
- Uma personalidade compatível com a fonte.
- Uma atividade favorável para com a fonte.
- Uma atitude sem preconceitos para com a fonte.
- Uma vinculação social, espiritual ou amorosa.

Promova a **Revista Adventista**
em sua Igreja.
Seu ministério será mais
produtivo.

"Minhas Qualidades"

Balanco de Minha Atitude Como Receptor

— Muita atenção	1	2	3	4	5
— Atenção	1	2	3	4	5
— Indiferença	1	2	3	4	5
— Reflexão	1	2	3	4	5
— Respondo iradamente	1	2	3	4	5
— Sinto-me feliz por					
aclarar	1	2	3	4	5
— Perdão e esqueço	1	2	3	4	5

5.- Dez Fórmulas de Êxito Nas Relações Humanas:

1. Responder só depois de ouvir (Prov. 18:13).
2. Pensar primeiro antes de falar (Prov. 29:20).
3. Falar sempre a verdade, mas com amor (Efés. 4:25).
4. Não use o silêncio para frustrar a outra pessoa.
5. Não se meta em conflitos; fale se puder entender (Prov. 20:3).
6. Responda sem ira; use uma resposta suave (Prov. 15:1).
7. Quando estiver errado, admita-o (Tiago 5:16).
8. Evite repetições ofensivas (Prov. 10:19).
9. Não seja crítico, mas restaurador (Gál. 6:1).
10. Seja tolerante, procure compreender a opinião dos outros (Filip. 2:1-4; Efés. 4:2).

6.- Seguindo o Exemplo de Cristo

a) As mensagens mais inspiradoras para melhorar as relações humanas, são encontradas na própria vida de Cristo e nos ensinamentos de Paulo aos Romanos, cap. 12, e em I Cor. 13.

b) "Jesus achava acesso às mentes pelo caminho de suas associações mais familiares... Dignificava o homem com Sua confiança, e assim o colocava no posto que lhe correspondia à honra... Jesus assumiu a humanidade a fim de poder encontrar-Se com a humanidade... Achou acesso ao coração, conquistando a simpatia e a confiança."

Conclusão

a) O cristão genuíno deve amoldar suas relações humanas dentro do contexto dos princípios éticos mais nobres e puros do cristianismo.

b) Acha-se ao nosso alcance estudar e praticar um relacionamento bem-sucedido aqui na Terra e projetar esse viver sadio até o Céu, onde os justos viverão, relacionando-se eternamente com Cristo, com os anjos e os "mundos não caídos".

Referências:

1. Kenneth K. Sereno, *Foundation of Communication Theory*, (Harper & Row, Publisher, Nova Iorque, 1970), pág. 89.
2. David K. Berlo, *El Proceso de la Comunicación*. (Editorial Ateneo, Buenos Aires, Argentina), págs. 2 a 5.
3. Antonio Paoli, *La Comunicación*. (Editorial Edicol, México, D. F., 1977), pág. 183.
4. K. Berlo, *Op. Cit.* pág. 38.
5. *Ibid.*
6. K. Sereno, *Op. Cit.*, pág. 122.
7. Ellen G. White, *El Deseado de todas la Gentes*. (Asociación Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina, 1975), págs. 106 e 107.

Como Manter a Esposa Feliz

Tanto os conselheiros matrimoniais seculares como os cristãos estão chegando cada vez mais à conclusão de que a principal causa da epidemia de divórcios não são os problemas financeiros, nem do sexo ou mesmo "incompatibilidade". É a negligência. Laços matrimoniais se estão partindo por aquilo que os casais têm deixado de fazer corretamente, mais

FRAN SCIACCA

Professor em Colorado Springs, Colorado (Extraído de um artigo que apareceu no Discipleship Journal, nº 18. Usado com permissão. Direitos reservados.)

do que por aquilo que eles têm feito certo.

O comentário de Paulo com respeito à principal causa e efeito do pecado, também é verdadeiro com respeito ao relacionamento humano: "A colheita na vida do homem dependerá inteiramente daquilo que ele semear" (Gál. 6:7, Phillips). A importante verdade dessa declaração é que a "semeadura" implica

numa futura colheita.

Muitos casais, cegados pela ilusão de união gerada com o propósito de ter filhos, perceberam, depois que seus filhos cresceram, que eram estranhos um ao outro. Eles deixaram de colher por causa dos descuidos em semear nos anos anteriores.

Isto acontece porque, enquanto as necessidades de intimidade do homem parecem ser mais intensas nessa quadra de sua vida, a maior necessidade pessoal de sua esposa, neste sentido, é de atenção e estima pessoal. Se o marido olvidou suas necessidades, em favor de intimidade, nos primeiros anos nos quais ambos eram mais vigorosos, é pouco provável que ele se interesse em satisfazer-lhe agora a necessidade de atenção. O conflito resultante das necessidades e carências pode levar à infidelidade ou ao divórcio, na ausência do objetivo comum de ter filho, que antes manteve junto o casal.

Que pode fazer o marido cristão, relacionado com isto? No Novo Testamento encontramos recomendações claras e profundas dirigidas ao marido cristão, e ao moço cristão que aspira ao casamento.

Amando sacrificialmente

Em primeiro lugar, o amor do marido deve ser sacrificial. "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo se entregou por ela" (Efés. 5:25). Isto significa que nosso amor a nossa esposa deve ser dispendioso e ativo. Não é uma coisa simbólica — não apenas um cheque ou um novo carro. Na verdade, não é nem mesmo uma emoção! Amor *agapé*, o amor de que fala este verso, não é um sentimento. É um serviço ativo e custoso a nossas esposas. Isto significa permitir que nossos alvos pessoais ao lado da prioridade de amá-la, de suprir-lhe as necessidades e de auxiliá-la, tornem-na aquilo que Deus deseja que ela seja.

Jesus deu a vida pela igreja. Esta é a responsabilidade do marido, e da maneira pela qual o amor de Jesus por Sua igreja independe do que Ele vê em seus membros, assim devemos amar nossa esposa tão-somente porque ela é nossa esposa — não porque ela seja sempre bela e amável, mas porque nos é ordenado entregar a vida por ela. Esta ordem não é dada apenas aos maridos que receberam um mandato. É a recomendação de Deus a todo homem casado que professa o nome de Cristo.

Como pode um marido cumprir esta ordem? Pondo regularmente de lado suas inclinações pessoais para atender as necessidades imediatas e mediatas de sua esposa. Quando nosso segundo filho nasceu, nosso primogênito estava com aproximadamente dois anos e meio de idade. Eu estava no primeiro ano como professor, e este acréscimo em nossa família requereu tempo adicional daquele de que eu dispunha para me dedicar ao preparo de meu currículo. Ao mesmo tempo, as necessidades de minha esposa também se estavam acelerando. Finalmente, numa noite ela disse: "Preciso ficar longe dessas crianças, do contrário vou explodir! Vou sair sozinha amanhã para comer!" Gostaria que aquela idéia tivesse partido de mim, de uma atitude generosa de minha parte, mas eu me havia esquecido das necessidades dela.

Ela saiu na manhã seguinte para comer e distrair-se, enquanto eu comia experimentando um sentimento de amargor e hostilidade. "Este é meu dia de folga", resmunguei. "Por que deveria ficar aqui cuidando de criança?" Pensando bem, foi uma longa manhã! Quando Jill apareceu no vão da porta duas horas depois, o brilho de sua face — resultado claro dessa breve caminhada — desapareceu quando comparado com o semblante mal-humorado de seu marido.

Continuamos na nova rotina, mas minha disposição de luta prosseguiu por cerca de mais três semanas, antes que eu começasse a ser convencido por esta passagem de Efésios. Lentamente, uma sensação de alegria aumentou, e as vezes que fiquei sozinho com os meus dois filhos pequenos tornaram-se o ponto alto de minha semana, para não mencionar o ministério de alívio que essas interrupções trouxeram a minha esposa.

Mais do que isto, creio que sua autoestima foi fortalecida pelo fato de que seu marido realmente cuidou bastante dela ao "dedicar-lhe" duas ou três horas cada semana. Quando olho para a insignificância desse sacrifício, sinto-me desconcertado com o egoísmo que cercou minha primeira resposta a sua sugestão. Depois de dois anos, e mais dois filhos, Jill ainda vai comer fora em um dos meus dias semanais de folga. E acrescentei alguns também: Agora eu pajeio quatro crianças, tiro o pó da casa, lavo roupa duas vezes e limpo ambos os banheiros na ausência dela.

Essas manhãs especiais se tornaram agora uma rotina. São "as manhãs com pa-

pai” dos meus garotos. As oportunidades de amá-los e ensinar-lhes nessas ocasiões são preciosas. Mas ainda que minhas convicções nesse aspecto sejam apresentadas de maneira muito bela, periodicamente ainda reluto.

Nunca me esqueço de uma ocasião recente em que um amigo me surpreendeu de luvas de borracha, enquanto limpava o banheiro do andar superior. Ele estava indo para um centro local de preparo onde ficaria fazendo exercício durante duas a quatro horas. Seu comentário passageiro: “Você dá uma boa empregada doméstica”, arraigou-se em meu íntimo e supurou como uma chaga aberta. Logo me entreguei a uma luta mental a respeito de minha masculinidade e minha liberdade. Estava Jill fugindo daquela casa? Estaria eu fazendo o que devia ser “trabalho de mulher”?

De novo, Efésios 5:25 me veio à mente, e me certifiquei de que se já viveu um homem neste mundo que foi o epítome da masculinidade, este foi Jesus — e Ele a Si mesmo Se entregou por Sua noiva.

Aprender a ouvir

O amor do marido deve ser também sensível. “Maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas” (Col. 3:19). O amor do marido não deve ser impetuoso, exigente ou abrasivo.

Há mais de cinco anos sou químico analítico. Meu trabalho exigiu que eu encontrasse para os problemas, respostas prontas, lógicas e eficientes. Esta é uma grande vantagem, se vocês forem químicos, mas pode ser uma terrível responsabilidade para um marido cristão. Quando minha esposa estava disposta a vender os filhos aos ciganos ou a pôr o cachorro no processador de alimento, a “resposta homem” estava imediatamente incluída num grupo de soluções para o seu problema! Manejo, programação, prioridade do tempo — você chamará isto; eu tinha precisamente aquilo de que ela necessitava.

Com uma exceção — a sensibilidade. Jill necessitava de um ouvido, não de uma boca.

Provavelmente nenhum aspecto do nosso casamento tenha sido tão difícil para mim, quanto o de aprender a simplesmente ouvir a minha esposa. Nossas escolas oferecem cursos em todos os níveis, de língua, mas nenhuma ensina como escutar. Quanto mais minha esposa resistia meu sábio conselho,

tanto mais eloqüente eu me tornava, até que meu mais intenso desejo de ajudar se transformou numa rudeza esmagadora. A admoestação de Tiago para que sejamos “prontos para ouvir, tardios para falar” (Tiago 1:19) certamente se aplica ao homem. Howard Hendricks chama nosso defeito como homens de “complexo de onisciência”. Achamos que sabemos mais do que as mulheres, somos mais lógicos, mais competentes, etc. Assim, somos prontos para falar e tardios para ouvir. O resultado, muitas vezes, é a aspereza.

O amor do marido deve ser sensível. Ele deve avir-se com a esposa ao nível dos seus sentimentos. Agora chamo minha esposa pelo menos uma vez cada dia, exatamente para descobrir como ela é. Isto se assemelha a uma válvula de pressão para ela, e ao mesmo tempo evita que os nossos mundos se tornem polarizados.

Também evito o “canto de sereia” que me atrai para o divã quando passo pela porta cada noite. Dirijo-me até o lugar em que Jill se encontra, dou-lhe um beijo cordial, e converso com ela sobre os acontecimentos do seu dia. Ajudar a pôr a mesa ou a preparar os sucos, serve para tornar a hora do jantar mais agradável para conversar, mesmo com quatro filhos. Temos também “a hora do chá” imediatamente após o jantar: pedimos às crianças que se retirem e em seguida Jill e eu podemos conversar mais.

Aprender a ouvir minha esposa é tão difícil para mim quanto estender uma corrente, mas sou admoestado a ser sensível em obediência a Colossenses 3:19.

Mostrar consideração

Finalmente, o amor do marido deve ser atencioso. “Maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coherdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações” (I Ped. 3:7). As palavras “com entendimento” explicam a frase prepositiva que literalmente significa “de acordo com o conhecimento”. Isto indica discernimento, um profundo conhecimento daquilo que vossa esposa é e do que se encontra envolvido no relacionamento matrimonial.

Começar a conhecer vossa esposa — demonstrando profundo interesse naquilo que ela é e em como Deus a fez singular — é o

método mais apropriado de edificar ou restabelecer o amor-próprio. Fazer isto, não obstante, requer criatividade, e tenho quase tanta criatividade quanto um banco de neve!

Todavia, estou aprendendo que a criatividade é contagiosa. Uma vez que eu comece, procurando ser atencioso e cortês, Deus é fiel para indicar-me novas áreas onde eu possa ser útil a minha esposa. Certa manhã, quando dobrava algumas roupas lavadas, de repente notei que todas as minhas roupas internas e meias estavam pelo avesso, exatamente como haviam sido despejadas na cesta de roupas sujas. Levou bastante tempo e esforço para desvirá-las todas. Daquele dia em diante, me propus a sempre verificar se elas estavam desviradas antes de ser colocadas naquela cesta.

Outro aspecto em que sou "profissional" é na desordem de nossa casa. Sem muita dificuldade podeis reconstituir minhas atividades vespertinas pelos "sinais" que deixo: marmitta na porta, sapatos no sofá, meias fora do lugar, comida pela cadeira. Esses vestígios aumentam o trabalho de alguém. Minha esposa gosta de deixar a casa arrumada antes de ir deitar-se à noite, de maneira que quando ela se levanta para fazer sua devoção na manhã seguinte não seja saudada por uma porção de atividades domésticas. Estou fazendo um esforço agora para apoiar sua vida espiritual, reduzindo esse trabalho cada noite.

Quando Jill ficou grávida de nossos gêmeos, ficou confinada ao leito por dez semanas, duas das quais passou no hospital. Durante esse tempo aprendi muito a respeito de suas ocupações diárias como mãe e dona-de-casa. Recordo-me claramente de uma crise nervosa próxima, numa manhã em que as panquecas, os ovos e as torradas foram todos feitos ao mesmo tempo! Com a fumaça azul envolvendo o torrador, o coro de "estou com fome" de meus filhos não exercia sobre mim o mesmo efeito que *O Messias de Haendel!*

A única coisa que mais tem ajudado a minha esposa é nosso encontro semanal. Durante oito anos, tenho saído com ela cada semana, sozinhos. Estabelecemos essa tradição bem antes de termos filhos. Fomos fiéis a essa aventura semanal mesmo enquanto no seminário, quando o dinheiro era pouco ou quase nenhum. (Naqueles dias, parar em algum lugar para tomar algo extra depois do jantar servido em casa, re-

presentava tanto quanto ir a um delicioso banquete.)

Agora, geralmente saímos para comer, e depois para um passeio a pé. Partilhamos as nossas afeições quando podemos, nessas ocasiões, sorrimos e às vezes gritamos, oramos e fazemos planos. Este é um tratamento indispensável para a exaustão e a cansaça que "a vida no beco sem saída", produz, com quatro crianças em idade pré-escolar.

Aprendi, por meio dos meus erros, que a maioria de nós homens crê em dois mitos, com respeito a sair com nossas esposas. Um é o de ir a algum lugar realmente bom. Tenho notado que Jill prefere um lugar em que haja um ar agradável, a um lugar em que os preços deixam o cardápio fora do alcance.

O outro mito é que ir jantar com outra dupla ou ir a algum programa, constitui um "encontro". Descobri que minha esposa quer estar comigo — conversar comigo, ver-me, agir junto comigo. Os programas e amigos são necessários aos eventos sociais, mas não desenvolvem a intimidade no casamento. Se sairdes com vossa esposa, tornai isso um acontecimento importante. Ter consideração, afinal de contas, requer um preço estudado do que significará para ela o melhor.

A passagem de I Pedro fala também do casal como "co-herdeiros da graça da vida". Esta é, de fato, a perspectiva apropriada. É uma participação, um esforço conjunto para convencer o mundo expectante de que, em Jesus Cristo, o casamento é a interdependência mais excitante e a mais satisfatória aventura sobre a Terra.

A responsabilidade confiada aos maridos — amar a suas esposas despreendida, sensível e cortesmente — não é fácil incumbência. A Escritura diz que os filhos da dona-de-casa levantam-se "e chamam-na bem-aventurada". Não creio, porém, que isso aconteça, a não ser que eles observem essas palavras nos lábios e nas ações de seu pai.

Adquira já seu
exemplar do
**COMENTÁRIO DO
EVANGELHO DE
JOÃO**

O Sedutor de Multidões: OUTRO CONCEITO DA TELEVISÃO

DANIEL SCARONE

Esta mistura especial de cinema e rádio, servida a domicílio, pode apresentar efeitos prejudiciais, e seus sintomas já começam a vir à tona numa sociedade cada vez mais violenta, indiferente, materialista, voluntariosa e sexista.

De há muito, a televisão vem sendo objeto de estudos diversos, especialmente nas áreas que a consideram uma fonte de influência sobre a conduta humana.

Seus defensores são tão apaixonados quanto os seus detratores. Uns buscam razões para sua eliminação; outros, exaltam o que ela significa como moderna tecnologia de comunicação social. Alheia a essa reduzida e elitista luta, a televisão continua projetando imagens. Afirma difundir o que é de máximo e majoritário interesse, de e para a opinião pública, enquanto disfarçadamente tem a habilidade de dominar essa opinião na qual se baseia, formando um círculo que pode estar viciado por uma sociedade à qual tem também o poder de viciar.

É claro que hoje todos assistem a televisão. Uns em suas casas, outros na casa dos vizinhos; e uns poucos, talvez, só a vejam de vez em quando.

Em seu mundo de imagens, apresentam-se em rápida sucessão: uma mulher que solicita ajuda porque não tem casa, com uma linda jovem que é graciosa por influência de um ioga prodigioso; um grupo de cadáveres de soldados ou de guerrilheiros, com um punhado de amigos que tomam cerveja; uma morte violenta, ao lado de um grupo festivo e alegre que toma um espumante refrigerante. E tudo isso, numa sucessão de imagens rápidas, fugazes, carnavalescas.

É o moderno instrumento que atrai a atenção de multidões e que começa a ditar as normas de nossa cultura.

Não é à toa que Jerry Mander propôs a eliminação desse meio. Entre seus argumentos, declara que a televisão acelera o confinamento, mostrando um mundo com o qual não convivemos diretamente. Dá-nos uma imagem desse mundo, mas outra coisa não é senão um filtro que nos impede a experiência completa.

Também se tornou um instrumento de "colonização psíquica" e de dominação de uma mentalidade por outra, e de um estilo de vida por outro, tudo o que leva à homogeneização, como se nela se encontrasse o "summum bonum" buscado pelo homem.

Um argumento importante. É o que se infere de um elemento que é inerente à tecnologia televisiva e que produz a reação neurofisiológica.

A tela de um aparelho de televisão é composta de várias centenas de milhares de pontos fosforescentes, distribuídos em linhas horizontais. Esses minúsculos pontos parecem estar sempre acesos, mas na realidade não o estão. Acendem e se apagam à razão de 30 a 50 vezes por segundo (isto depende do modelo do aparelho de TV). Essa frequência não pode ser percebida pelo olho humano, que capta apenas 10 cintilações por segundo. Uma luz que acende e se apaga à razão de nove vezes por segundo pode ser vista cintilar, mas numa frequência superior a dez por segundo, vê-se como se estivesse permanentemente acesa.

Até o momento, o homem não encontrou um fenômeno natural que requeira maior velocidade de captação, pois somente a eletrônica foi capaz de produzir vibrações luminosas de tal rapidez.

Em algumas épocas, a diferença entre a velocidade de captação do olho (10 por segundo) e a possibilidade eletrônica (30 por segundo), foi utilizada para intercalar mensagens subliminares.

Em certo sentido, a TV é inteiramente subliminar, pois a imagem é definida pela cor que os pontos vão tomando ao acenderem ou se apagarem. Todavia, essa característica — a de formar a imagem com pontos

que acendem e se apagam — faz com que a imagem esteja em constante composição. Essa imagem, que se forma na tela, é algo semelhante a um quebra-cabeça eletrônico, que está constantemente a compor-se em sucessivas imagens.

Este fato — o de que a imagem ali não esteja de maneira completa, como o está numa fotografia ou numa tela cinematográfica — pode ser comprovado tirando-se várias fotografias de uma tela de televisão com uma velocidade diferente para cada fotografia. Uma fotografia tira à velocidade de 1/100 por segundo, pode resultar numa imagem que mostre uma tela em branco ou formada pela metade, porque a “varredura” não conseguiu completá-la. Isto nos leva à pergunta: Onde se forma a imagem? A resposta é: em nossa mente. Eis a razão pela qual ao assistir a TV, produz-se uma grande concentração, pois envolve a constante composição dos fragmentos de imagens, argumentos e banda de música.

Esta característica pode chegar a atrofiar nossa imaginação. Se compararmos com a leitura, notaremos que esta nos proporciona códigos imóveis, compostos por letras que são decodificadas em imagens no ritmo em que o leitor as vai lendo. Se lermos a palavra “casa”, a composição das letras não se assemelha a uma casa, mas ao lermos os sinais, a imaginação cria uma em nossa mente. Em contraposição, a televisão já nos entrega uma imagem em formação, e dessa forma não precisamos imaginá-la.

Se passarmos muito tempo sendo receptores passivos de imagens criadas por outros, o processo mental que produz a imaginação se atrofiará.

O *ajeito na educação*. Um trabalho recente, realizado pelo Departamento de Educação da Califórnia, mostra claramente que as crianças que passam mais tempo diante do televisor são as que obtêm as piores notas em seus exames.

Do ponto de vista educativo, há dois fatos da televisão que têm muita importância. Um é que o sistema educativo pressupõe que nem todas as coisas são imediatamente acessíveis, e que não é necessário: retraimento no estudo, trabalho e tempo, antes de obter um determinado conhecimento. Isto fica eliminado pela televisão, pois ela dá a informação sem gradualismo algum. Isto, por sua vez, leva-nos ao segundo aspecto, a saber, que a televisão removeu todos os segredos e tabus da sociedade, apagando,

com o impacto de imagens, a linha de separação que existe entre a infância e a idade adulta, para substituí-la por uma cultura homogênea.

Os comerciais ou propagandas publicitárias. Alguns dados estatísticos mostram que nos primeiros 20 anos de vida um jovem (nos Estados Unidos) poderá ter visto um milhão de comerciais, à razão de uns mil por semana.

Basicamente, os comerciais ensinam que: 1) todos os problemas têm solução, 2) que todos os problemas são resolvidos rapidamente e 3) que todos os problemas são resolvidos graças à intervenção de alguma técnica ou de um determinado produto.

O maior elemento motivador utilizado é o sexo, seguido pela amizade, a própria pessoa, a aceitação social, etc. Os publicitários estão conscientes da insegurança e da ansiedade do público, e não deixam de explorá-las. Um cigarro proporciona independência a um jovem. A outro, dá status uma roupa jeans. Um perfume resolve as dúvidas de um terceiro, quanto à sua feminilidade ou varonilidade. A maioria dos publicitários vinculam os estados de ansiedade com a sexualidade, o que determina a grande quantidade de publicidade com resquícios de erotismo.

A mulher é grandemente explorada na televisão através dos comerciais. Ela é estimulada a permanecer sempre jovem, refrigerada e simpática; a ser passiva e dependente; mas nunca decidida e amadurecida. Por sua vez, a inocência e a sensualidade se misturam como se na verdade uma mulher pudesse ser sensual e, ao mesmo tempo, virginal; ou sedutora e casta. Isto se funde num cadinho de conduta esquisoide, símbolo de nosso tempo, e lema de nossa ambivalência.

A atenta observação de certos comerciais, mostra como a mulher é desmembrada, dando-se realce a certas partes de sua anatomia, das quais ela não é senão um resumo. Toda a promoção é orientada para a beleza exterior, e pode ser apreciada apenas a mulher que adquiriu um certo nível de perfeição física. Mas o que nunca dirão os comerciais é que essas imagens, não só são artificiais, mas são também conseguidas artificialmente. Também não dirão que muitos desses produtos, cosméticos ou bebidas sofisticadas, contribuem para deteriorar a beleza física.

Existe (na realidade quase não existe)

muito pouco realce nos comerciais sobre alimentação adequada e exercício, que são fatores muito importantes para a saúde e a vitalidade.

A televisão e a violência. Em maio de 1982, o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos preparou um relatório no qual resumiu mais de 2.800 estudos realizados no decênio passado, sobre a influência da televisão no comportamento humano. As provas resultantes foram tão desanimadoras que existe consenso de que a violência projetada pela televisão induz as pessoas a se comportarem de maneira agressiva. Durante dez anos um telespectador terá visto uns 150 mil episódios violentos, e umas 25 mil mortes violentas, o que é muito mais do que aquilo que foi visto por um soldado, de qualquer nação, em uma das últimas guerras.

Paradoxalmente, apesar de tanto crime projetado, o espectador vê pouca dor e sofrimento, o que dá uma falsa imagem da realidade. Em New Rochelle, Nova Iorque, um assassino que representou na vida real um homicídio a paulada, à semelhança de um exibido na televisão, declarou à polícia que estava surpreso, pois a vítima não morreu com a primeira pancada, como ele havia visto na tela, mas lhe segurou a mão para defender-se e gemeu e chorou terrivelmente.

Leonard Eron, professor de psicologia da Universidade de Illinois, e seus colegas, compararam a "dieta" televisiva de 184 crianças de oito anos de idade, e repetiram a comparação quando elas completaram 18 anos: "Quanto mais violentos foram os programas presenciados na infância, mais belicosos foram os jovens e adultos. Verificamos que sua conduta estava infestada de ações anti-sociais, desde o roubo e o vandalismo até os ataques com armas mortais. As crianças adquiriram hábitos de agressividade que persistiram pelo menos por dez anos."

Por que não se reduz a violência na TV? O relatório de dois pesquisadores, Clark e Blankeburg, mostra que existe um ciclo que reflete a busca de popularidade e que é o preço do que se busca, pois quando o "rating" indica que os programas violentos são populares, existe uma competição maior entre os canais e uma conseqüente emissão deste tipo de programa. Isto torna impossível a existência de qualquer controle, porque a procura é o fator determinante

da projeção de um filme violento. O único controle que resta é o botão que liga o aparelho, mas para fazer isto é necessário força de vontade; e, lamentavelmente, a força de vontade é um baluarte dominado.

A televisão e o sexo. Considero importante o relatório preparado por Joyce Sparkin e Theresa Silverman para *TV and Teens* (A televisão e os adolescentes), no qual elas mostram que as mensagens que a televisão apresenta a respeito do sexo e do romance não conduzem o adolescente a uma atividade sexual amadurecida, ou a uma conduta responsável.

Um estudo realizado, mostra que são mais freqüentes os casos de gravidez nas jovens que assistem a televisão, do que nas que não assistem; porque as primeiras têm a tendência de depositar maior confiança nas experiências com o sexo oposto, para assemelhar-se assim às suas "heroínas" da televisão que fazem a mesma coisa. Esta não é senão outra amostra do aspecto condutivo que a televisão possui.

E quanto à perda de tempo? Porque em televisão é muito pouco o tempo que pode ser considerado como bem aproveitado. Quanto ao consumo de tempo, ver televisão fica abaixo do sono e do trabalho. Entre outras coisas, J. P. Robinson diz em seu relatório, que chegou a roubar parte do tempo dedicado ao descanso. Entre os cortes que o espectador se viu obrigado a realizar, para estar mais tempo diante da tela, figurava o tempo dedicado à família, à leitura de livros, às ocupações domésticas, e à religião.

É claro que, em muitos casos, a TV diminuindo o valor de aspectos vitais de nossa existência, levando-a à perda de algumas de suas características essenciais.

Em conclusão, considero necessário avaliar o tempo que passamos em frente à televisão. Também deveríamos calcular o valor daquilo que temos visto e o grau de virtude que encontramos. Em seguida, poderíamos recusar — e talvez seja muito — tudo o que for improdutivo e inútil.

Em geral, deveria ser exercido muito cuidado nos lares onde houver crianças. Estas não deveriam ver mais de três horas de televisão por semana, e essas horas deveriam ser adequadamente avaliadas por seus pais.

Não podemos permitir que nossos filhos fiquem entregues, em sua formação, ao critério mediocremente moral de multinacionais cujo único propósito é o consumo e o

materialismo.

Nós, nossa mente, nossa família, nossa fé, nossa escala de valores somos fatores que devem entrar em jogo nessa avaliação, e não podemos submetê-los ao manuseio consumista e superficialista, onde um homem ou uma mulher alcançam a felicidade apenas se possuem determinado produto.

É preciso manter distância racional de um mundo que é mentiroso e que vende a mentira. Nossa mente, nossa escala de valores jamais poderão ser objeto da "colonização psíquica". Deus criou o homem inserindo-o em um mundo de realidades, e lhe deu uma imaginação para que pensasse em um mundo melhor. Mas não o colocou no meio de fantasias, nem lhe quebrantou, por

meio de técnica alguma, a faculdade soberana de imaginar. Somente alguém que gostaria de ver destruídas as mais legítimas aspirações do homem, procuraria implantar um sistema que o prende e o deixa entregue ao mundo exterior e à manipulação de sua mente.

Na mente, acha-se depositada toda nossa herança cultural, e todo nosso capital volitivo. Dela brotam nossos pensamentos, que determinam nossa conduta. São Paulo deu um conselho que visa salvaguardar a gênese de todo pensamento, quando disse: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai." Filip. 4:8.

A Igreja é Aquilo que Você É

1- Se sua igreja CRESCE, é porque você é constante em sua assistência.

2- Se sua igreja é BÍBLICA, é porque você e sua família estudam minuciosamente a *Lição da Escola Sabatina*

3- Se sua igreja é AMISTOSA, é porque você sorri e cumprimenta seus irmãos e as visitas.

4- Se sua igreja é DADIVOSA, é porque você dá o exemplo, e contribui do íntimo de um coração de amor.

5- Se sua igreja é dada à ORAÇÃO, é porque você ora insistentemente por ela e por seu pastor.

6- Se sua igreja é ESPIRITUAL, é porque você diariamente anda em espírito e, como Enoque, anda com o seu Deus.

7- Se sua classe da Escola Sabatina é ATIVA, VIVA E EFICAZ, é porque você se dedica, participa e ajuda outros a se desenvolverem.

LEMBRE-SE: SUA IGREJA SERÁ AQUILO QUE VOCÊ FIZER DELA.

Escolha a Quem Servir

Cada sábado:

Um velhinho saía de sua casa rumo à igreja. A ciência médica já não podia ajudá-lo.

— Estava surdo:

— não ouvia nem uma palavra do sermão

— não ouvia a música do coro

— não ouvia os hinos que a congregação cantava.

— Um caçoísta escreveu-lhe o seguinte:

— "Por que você vai à igreja? Você não ouve absolutamente nada!"

— O velhinho escreveu a resposta:

— "É que desejo que meus vizinhos saibam a quem estou servindo." — Adaptado.

Pastor, Psicólogo e Psiquiatra Como Colegas

DR. CÉSAR VASCONCELLOS DE SOUZA

Psiquiatra do Hospital Adventista Silvestre

Em nosso posicionamento profissional, na questão de ajudar psicologicamente o outro, acreditamos que há certas características pessoais daquele que se propõe a ajudar, as quais devem estar presentes, em se tratando também de ajuda espiritual feita pelo pastor conselheiro. Carl Rogers, importante psicólogo clínico dos EUA, demonstrou que o crescimento ou a melhora emocional tende a ocorrer num aconselhamento quando as seguintes qualidades estão presentes no conselheiro:¹

a) *Autenticidade* — é ser aquilo que se é, sem “máscaras”; é genuína sinceridade — alguém que na relação com o outro é exatamente como é no “self” (eu). É perceber seus (do conselheiro) próprios sentimentos e poder expressá-los se isto for adequado. O Dr. Shafer comenta: “Colocar uma máscara, ou atuar com interesse, quando não estamos interessados, pode ser rapidamente sentido, e destrói a confiança e a confiança.”²

b) *Consideração positiva* — significa genuínas atitudes de afetuosidade, aceitação e preocupação com a pessoa que vem a nós em busca de ajuda. Há interesse não de maneira possessiva. Significa aceitá-la e respeitá-la mesmo que os pontos de vista dela sejam diferentes dos nossos. É ter uma atitude não crítica ou de julgamento.

c) *Empatia* — esta palavra deriva do termo alemão “*einfühlung*”, que significa “sentir dentro”. É derivada do grego “*pathos*”, que quer dizer um sentimento forte e profundo, semelhante ao sofrimento, tendo o prefixo “*in*”. É diferente de “*simpatia*”, que tem o sentido de “sentir com”. Empatia é mais voltada para um sentimento de profunda identificação das personalidades. Rogers a define assim: “... (é) perceber o mundo interior de sentidos pessoais e íntimos do cliente, como se fosse o seu, mas sem jamais esquecer a qualidade de ‘como se’ ”.³

Já falamos sobre a necessidade do pastor, reconhecendo seus limites no aconselhamento, encaminhar a pessoa para um

profissional qualificado. Faremos agora alguns comentários sobre quem, como e para quem encaminhar.

A respeito de quem deve encaminhar, será necessário um mínimo de conhecimento de psicopatologia, a fim de detectar sinais graves, tais como pessoas deprimidas com risco de suicídio. Há bons livros que falam resumidamente dos principais quadros psiquiátricos, e o pastor deveria estudá-los. Se seu aconselhando tem problemas físicos, ele deve ser aconselhado a buscar o médico dele. Não devemos correr o risco de achar que as queixas físicas da pessoa são motivadas por atitudes neuróticas sem comprometimento físico real, sem recomendar-lhe passar por exame médico. A queixa pode ser real, necessitando de cuidados médicos; e, mesmo que seja de fundo emocional, pode haver lesão física mesmo.

Visão Global da Problemática

Já falamos dos casos de surtos psicóticos que podem ser confundidos com possessão diabólica. Há certas psicoses e certos conflitos neuróticos que, a princípio, são caracterizados por sintomas místicos com conteúdos espirituais, os quais podem ser confundidos com problemas espirituais. Uma boa entrevista com a pessoa e com familiares, dará uma visão mais global da problemática, permitindo fazer um correto diagnóstico. Já atendemos pessoas com conflitos neuróticos cujas queixas eram todas relacionadas com temas religiosos, dando a impressão ao leigo ou ao conselheiro inexperiente de que se tratava de problema espiritual; e mesmo a própria pessoa assim pensava.

É importante reconhecer que não é sábio aceitarmos o compromisso de ajudar, em aconselhamento que requer entrevistas frequentes, pessoas com as quais não nos sentimos confortáveis. Mesmo que não expressos em palavras, nossos sentimentos aparecem de várias formas em nossa relação com o outro, e a produtividade no tra-

balho de ajudar ocorrerá, mais ou menos, em função de nossa maior ou menor empatia, autenticidade e consideração positiva. Não temos obrigação de nos sentirmos bem com todos. Nestes casos, o melhor é encaminhar a pessoa para outro pastor. Podemos também não nos sentir bem com uma pessoa por esta despertar em nós, nossos próprios conflitos; então, precisaremos estar cômicos disto e, possivelmente, tratar-nos psicologicamente também.

O Encaminhamento da Pessoa

Como encaminhar uma pessoa? Naturalmente, o pastor ficará preocupado sobre como a pessoa se sentirá ao ser-lhe dito que deve procurar um profissional em saúde mental — psicólogo ou psiquiatra. Sentir-se-á rejeitada? Ou se considerará “louca” ao ser-lhe indicado um psicólogo ou psiquiatra?

Obviamente isto dependerá, primeiro, de nossos próprios conceitos sobre a necessidade de tais profissionais! Se eu encaro o fato de se necessitar de tratamento psicológico como algo tão natural quanto necessitar de tratamento ginecológico, pediátrico, cirúrgico, odontológico, etc., então não será difícil fazer o encaminhamento. Segundo, dependerá da maneira como vamos explicar à pessoa sobre nossas limitações e a necessidade que ela tem de tratamento. O Dr. Shafer, o psicólogo clínico adventista citado na primeira parte deste artigo, enumera alguns itens orientadores de Clinebell, os quais podem ajudar no processo de encaminhamento.⁴ Vejamos:

1. Criar a expectativa de encaminhamento — quando o aconselhamento pastoral é divulgado na Igreja, é bom mencionar que uma das funções de tal acontecimento é ajudar a pessoa a encontrar ajuda especializada competente.

2. Mencionar a possibilidade cedo. Em qualquer relacionamento no qual se suspeita que um encaminhamento possa ser necessário, é bom tocar nesse assunto logo que possível. Se há demora em falar disso, aumentam as possibilidades de haver sentimentos de rejeição. Clinebell sugere que se não há significativa melhora em quatro ou oito sessões, a pessoa deveria ser encaminhada.

3. Transmita confiança à pessoa a quem você tenciona encaminhar seu aconselhado. Ajuda muito saber que você a co-

nhece bem e confia nela.

4. O encaminhamento envolve trabalhar com emoções que retêm a ida ao especialista. Medos, más informações e outras resistências emocionais necessitam ser identificados e resolvidos. Ajuda pedir à pessoa que depois lhe dê notícias de como vai no tratamento para o qual está sendo encaminhada. Isto assegura à pessoa seu contínuo interesse em dar-lhe a melhor ajuda possível.

5. Se possível, a pessoa deveria ser encorajada a fazer sua própria marcação de consulta. Algumas vezes, entretanto, o pastor pode, ele mesmo, procurar marcar a consulta para pessoas que, por qualquer razão, não estão muito aptas para isto.

6. Fazer com que a pessoa saiba que seu cuidado pastoral não será diminuído após o encaminhamento. Isto ajudará a reduzir sentimentos de rejeição e medo da perda de suporte. Entretanto, é essencial que a pessoa encaminhada para aconselhamento ou psicoterapia não continue a aconselhar-se com o pastor. Mais que um conselheiro de uma só vez, pode ser contraproducente. Se houver necessidade de hospitalização, o pastor pode ser, freqüentemente, a chave para facilitar o processo. Se a pessoa resiste a uma internação necessária, o pastor precisa estar a par de como funciona tal tipo de admissão no hospital de sua comunidade e quem é o profissional que deverá ser contactado em tais ocasiões. Durante a internação, será importante a visita do pastor, bem como sua atuação em apoiar a família do paciente.

Muitos medos surgem na mente daquele que necessita de ajuda profissional para problemas psicológicos. Será que o profissional é competente? Será que não estaria interessado em ganhar meu dinheiro, somente? Será que não me fará abandonar a Igreja com conselhos “mundanos”? Tentará seduzir-me? Poderei ficar dependente? Por causa destes e outros medos e conceitos errôneos, muitos procuram primeiro o pastor e, depois, a pessoa que o pastor indicar.

Infelizmente, muitos pastores estão tão receosos, desinformados e confusos quanto os membros da sua Igreja, no sentido de encontrar um profissional em saúde mental que possa recomendar com confiança.⁵ A maioria destes medos são infundados por causa da ética profissional sobre a qual já falamos, mas que ampliaríamos com este comentário do Dr. Shafer: “Profissionais qualificados têm devotado muitos anos de

estudo e treino ao desenvolvimento destes especializados insights e habilidades em ajudar pessoas. Além disso, o legítimo e qualificado profissional em saúde mental respeitará os sistemas de valores e crenças pessoais do indivíduo. Ele pode perguntar a respeito deles e o que eles significam para a pessoa, mas aprendeu que estes valores e crenças religiosas podem ser uma importante fonte de força na vida de alguém. Ele pode, entretanto, também reconhecer que algumas vezes uma pessoa pode usar sua religião de modo não saudável. Nesta situação, ele legitimamente tentará ajudar o indivíduo a crescer e a usar sua religião mais construtivamente. É aqui onde o diálogo com o especialista em saúde mental pode ser muito útil.”⁶

Naturalmente, não todo profissional segue corretamente o código de ética! Como saber, então quem é de confiança? Deixemos novamente o Dr. Shafer explicar-nos: “O melhor meio para descobrir quem é o clínico no qual você pode ter confiança é relacionar-se com especialistas em saúde mental que vivem na sua região. É apropriado você apresentar-se como pastor e ser muito franco e direto sobre seus interesses e preocupações. Os bons clínicos (psicólogos e psiquiatras) acolherão sua franqueza e retribuirão o favor. Não hesite em discutir abertamente seus valores e crenças e sua necessidade de um relacionamento colaborador com aqueles em relação aos quais você se sente confortável. Verifique qual é a orientação teórica geral dele e como ele lida com os vários problemas, como ele sente sobre colaborar com um pastor. Não hesite em conseguir relacionar-se com vários de sua região, porque assim você pode buscar e escolher aquele com o qual se sente mais compatível.”⁷

Quando o Pastor Tem Problemas

O pastor e sua família não são mais isentos de conflitos psicológicos que as demais pessoas. Podem, de fato, sofrer todos os estresses comuns às outras famílias. Mas quem, deve o pastor procurar, quando ele mesmo vive problemas pessoais? Não é muito confortável procurar ajuda de alguém da mesma Associação ou Missão, etc. Também, procurar um médico da sua Igreja, pode ser desagradável. Procurar ministros, pode ser visto como competidores ou insuficientemente treinados como conse-

lheiros. Novamente, vamos ver o que tem a dizer o Dr. Vernon Shafer sobre isto: “Parece que o psicólogo clínico cristão é uma natural e apropriada fonte para o pastor e sua família, e em seus relacionamentos de colaboração é possível dar a cada um mútua compreensão e suporte”.⁸

Somos humanos, com carências várias. Apesar da fé em Jesus, a qual pode dar-nos certa qualidade de paz interior, podemos experimentar sofrimentos emocionais, para os quais há tratamento. O ser humano precisa partilhar suas alegrias e tristezas com outro ser humano. Podemos exagerar na questão de ter fé em Deus, querendo que Ele resolva tudo em nossa vida, e não lançamos mão de instrumentos humanos adequados para alívio de sofrimentos psicológicos. O Pastor Norval Pease, comenta: “Aham alguns cristãos que jamais devemos falar a outrem sobre nossos problemas, mas, em vez disso, levá-los unicamente ao Senhor. Infelizmente, isto pode ser levado a um extremo. Conseqüentemente, muitas pessoas se desesperam na necessidade de falar com outro ser humano. Podemos receber auxílio de fato de outra pessoa no partilhar as provações comuns, preocupações e fraquezas.”⁹

O apóstolo Paulo tinha fé em Deus. Ele se apegava a Jesus e dizia: “Tudo posso naquele que me fortalece...” (Filip. 4:13). Entretanto, geralmente não percebemos o versículo que vem a seguir, o qual mostra como é bom recebermos ajuda humana. Veja como no versículo 14 Paulo fala do alívio que se obtém quando podemos partilhar nossos sofrimentos com outro ser humano. Jesus mesmo sentia tal necessidade! Ele não buscava só o Pai e o Espírito Santo. Partilhava muitas coisas pessoais com os homens. A Sra. White diz: “O coração humano anseia simpatia no sofrimento. Esse anseio, experimentou-o Cristo até ao mais profundo de Seu ser. Na suprema angústia de Sua alma, foi ter com os discípulos, com o aflitivo desejo de ouvir algumas palavras reconfortantes.”¹⁰

Assim, nosso papel como pastores conselheiros, psicólogos clínicos ou psiquiatras é sublime! É muito necessário num mundo progressivamente alienante. O trabalho em equipe torna-se cada vez mais necessário. Precisamos abrir mais a mente, aperfeiçoar-nos mais em nossos estudos científicos também, além do espiritual, a fim de tornar-nos mais capacitados e melhor qualificados pa-

ra o serviço de ajudar mentes preocupadas e conflitantes. "Cultura mental é o que, como um povo necessitamos, e o que temos de possuir, a fim de fazer face às exigências da época."¹¹

O pastor, queira ou não, tem seu papel de profissional em saúde mental. Por isso, deve ele preparar-se melhor para exercer tal função como generalista no aconselhamento e manter uma relação colegaprofissional com especialistas em saúde mental da sua região. Deve reconhecer seus limites e saber encaminhar a pessoa. Precisa estar bem, emocionalmente, consigo mesmo, ou procurar ajuda profissional para si mesmo, se for preciso.

"Há a necessidade de pastores que, sob a direção do Sumo Pastor, busquem os per-

didados e extraviados... Importa numa terna solicitude pelos que erram, numa divina compaixão e paciência. Quer dizer, um ouvido capaz de escutar com simpatia, narrações que partem o coração, acerca de erros, degradações, desespero e miséria."¹²

Referências Bibliográficas:

1. Carl Rogers e Barry Stevens — *De Pessoa para Pessoa*, Livraria Pioneira Editora, SP, 1978, págs. 60 a 62.
2. Vernon W. Shafer, Ph. D. — *A Shared Ministry, The Relationship of the Clinical Psychologist and the Pastor Counselor*, *Adventist Concepts of Psychology*, Dept. of Education, Gen. Conf., 1977, pág. 107.
3. Carl Rogers, op. cit., pág. 107
4. Vernon W. Shafer, op. cit., págs. 110 e 111
5. *Idem*, pág. 113
6. *Idem*, pág. 114
7. *Idem*, págs. 114 e 115
8. *Idem*, pág. 116
9. Norval Pease — *Lição da Esc. Sab.*, ed. de profess., 3º trim. 1980, pág. 110
10. E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 660 e 661
11. E. G. White, *Serv. Cristão*, pág. 224
12. E. G. White, *Obr. Evang.*, pág. 184.

Os Animais Puros e os Impuros de Levítico Onze

ANGEL MANUEL RODRIGUEZ

Doutor em Teologia

O capítulo 11 de Levítico tem despertado o interesse não somente dos adventistas, mas de todo exegeta do Antigo Testamento, interessado nas leis e regulamentos judaicos. Mesmo os interessados na fauna do Oriente Médio, têm considerado esse capítulo de certa utilidade. Para o homem moderno, Levítico 11 parece ser um capítulo que pertence ao mundo da superstição e do tabu; que pertence ao mundo primitivo da ignorância humana.

É preciso analisar o conteúdo do capítulo 11 de Levítico para descobrir o seu significado e o lugar que ele ocupa no pensamento do Antigo Testamento. Nessa tentativa, devemos explorar a origem da distinção entre animais puros e impuros, e o propósito dessa distinção.

Observações Gerais Sobre Levítico 11

Se dermos uma lida rápida em Levítico 11, notaremos imediatamente várias coisas:

1. O capítulo é formado de seis seções principais. Cada seção se inicia usando a palavra "estes, esta" (vs. 2, 9, 13, 24, 29,

46).¹ O conteúdo do capítulo está, em termos gerais, bem organizado.

2. Os animais estão agrupados de acordo com a área em que habitam. Dessa forma, são mencionados primeiro os animais ou criaturas que habitam sobre a terra (vs 2-8), depois os que habitam na água (vs 9-12), e, finalmente, as criaturas do ar — aquelas que voam (vs. 13-23).

3. A distinção entre animais limpos e imundos é feita de maneira simples: Os animais limpos têm unhas fendidas e removem; os peixes limpos possuem barbatanas e escamas; e os pássaros ou aves limpos são caracterizados por não serem aves de rapina. No caso dos insetos, os que possuem pernas para saltar podem ser comidos (vs. 20-22).

4. O capítulo estabelece que a capacidade de contaminação dos animais impuros não se limita apenas ao ato de ser-lhes comida a carne. O indivíduo pode contaminar-se tocando em seus corpos mortos (v. 24). Mesmo um animal limpo que morre, torna-se em instrumento de impureza, contaminando o indivíduo, se lhe for tocado o corpo (vs. 39). Dessa forma, mostra-se que um

corpo morto é fonte de impureza.

5. A identificação de alguns dos animais mencionados em Lev. 11 é desconhecida. Algumas versões bíblicas preferiram transliterar alguns termos hebraicos, em lugar de lhes adivinhar o significado (v. 22 — *argol* e *hagabe*, que provavelmente designem fases do desenvolvimento do gafanhoto ou grupos diversos de gafanhotos).² Claro é que para os leitores da Bíblia daquela época a identificação não constituía um problema.³

Estas breves observações indicam que Lev. 11 tem um caráter didático. A maneira simples e bem estruturada do capítulo tem como objetivo facilitar ao israelita o aprendizado do seu conteúdo. Nesse processo, foi muito útil seguir o princípio de distinção entre animais limpos e imundos, com a menção de exemplos específicos que ilustram o princípio exposto. Por isso é que a classificação dos animais em limpos e imundos não tem, o que se poderia chamar, um caráter "científico", cuja compreensão esteja limitada ao especialista. Os critérios a serem usados para poder identificar o animal limpo ou imundo são de tipo pragmático; determinados, basicamente (na verdade exclusivamente), por aquilo que qualquer pessoa podia observar na fauna, e.g. o animal deve ruminar e ter unha fendida. A lei fora estabelecida de acordo com o nível do israelita comum. Deus estava instruindo o Seu povo em geral, e não apenas um grupo privilegiado dentre o povo.

Teorias Sobre a Origem e Significado da Lei de Lev. 11

Embora Lev. 11 se distinga por sua simplicidade, não tem sido fácil aos eruditos descobrir a origem e o significado da distinção entre os animais limpos e os imundos. Num esforço por compreenderem melhor essas leis, várias teorias têm sido sugeridas. Um breve estudo de algumas dessas teorias, ajudar-nos-á a compreender a complexidade do problema e a descobrir as limitações e debilidades que elas enfrentam. Assim estaremos mais bem preparados para buscar no texto bíblico as soluções que este nos apresenta.

1. *Interpretação ética*: Talvez seja esta a mais antiga das interpretações que pretendem definir o propósito da distinção entre animais limpos e imundos. Entre os primeiros expoentes dessa posição, encontra-

se o historiador judeu Aristéias, escritor desconhecido, do primeiro século antes de Cristo. Em um documento conhecido como "A Carta de Aristéias",⁴ informa ele que a lei dos alimentos limpos e imundos tem a finalidade de ensinar ao homem princípios de moral e justiça. Assim, por exemplo, proíbe-se ao homem comer animais de rapina, para que ele não transforme outros homens em suas presas. Essa mesma idéia é expressa por Filon de Alexandria (ca. 20 AC-40 DC), ao dizer que os judeus não se alimentam de animais com maus instintos para não adquirirem esses instintos.⁵ O propósito da lei é, portanto, o de refinar o homem e sua conduta, ensinando-lhe o domínio-próprio, que é o primeiro passo na busca da santidade.⁶ Essa interpretação geralmente não se interessa por definir a origem da lei. Seu interesse se centraliza em definir-lhe a função.

Um erudito judeu atribuiu recentemente à interpretação ética uma nova conotação. Segundo ele, o propósito das leis de saúde é promover a santidade. Essa santidade, argumenta ele, deve ser entendida em termos éticos, pois imitar a santidade de Deus é praticar a ética associada com Sua natureza. Esse apelo à santidade é realçado de maneira especial nas leis sobre alimentos (Êxo. 22:30; Lev. 11:44-46; 20:22-26; Deut. 14:21). Isto indica, acrescenta ele, que é através dessas leis que se consegue uma elevada ética de vida. O princípio ético fundamental que a lei procura inculcar é o da inviolabilidade da vida. O propósito da lei era, pois, o de ensinar reverência pela vida por meio do acesso restrito à carne animal como alimento, mas não ao seu sangue/vida.

De certa forma, os limites impostos pela lei para o consumo de carne animal, poderiam ser interpretados como expressando, de certo modo, respeito pela vida. A pergunta é se este é o propósito fundamental das leis sobre os animais limpos e imundos. Perguntamo-nos: Por que se deve respeitar uma forma de vida e outra não? Se a intenção da lei é ensinar o israelita a respeitar a vida/sangue do animal, por que Lev. 11 não diz nada sobre o que se deve fazer com o sangue desses animais? Com efeito, a palavra sangue (*dam*) não é usada uma única vez em Lev. 11. Torna-se um tanto contra-producente procurar ensinar o princípio de reverência pela vida, autorizando que se matem animais, ainda que de forma limita-

da. A limitação na matança de animais pressupõe ao menos que o princípio do respeito pela vida já é conhecido. Esse princípio foi instituído no pensamento bíblico no momento da Criação, quando Deus declarou o homem vegetariano (Gên. 1:29).

Embora possa existir nas leis sobre animais limpos e imundos um interesse ético, este não é o que determina o propósito fundamental da distinção entre os animais, especialmente quando o elemento ético é definido como domínio-próprio, ou respeito pela vida.⁸

2. *Interpretação simbólica:* De acordo com essa interpretação, cada animal simboliza uma virtude. O porco é considerado um símbolo da sujeira do pecado. A ovelha, por outro lado, é limpa porque lembra ao israelita que Yahweh é seu Pastor.⁹ Para este tipo de interpretação, não existem controles hermenêuticos. Este conceito é mais de caráter homilético, não exegético.¹⁰

3. *Interpretação de movimento e santidade:* A antropóloga Mary Douglas propôs uma teoria inusitada para explicar a distinção entre animais limpos e imundos,¹¹ que foi aceita por um grupo de exegetas do Antigo Testamento.¹² Essa interpretação pertence realmente à interpretação simbólica, mas por ser tão curiosa, preferimos comentá-la separadamente.

Mary Douglas não apenas procura explicar a função ou propósito da lei dos animais limpos e imundos, como também a sua origem. De acordo com ela, a única razão apresentada por Lev. 11 para essa distinção é a santidade. Essa santidade não é apenas "separar algo" para um uso especial. Santo, diz ela, é aquilo que está completo, inteiro. Esse "estar completo/inteiro", reflete-se na perfeição física que se exige de tudo o que se leva ao templo. Esse estado se estende ao mundo social. Com freqüência, o Antigo Testamento mostra que o empreendimento que se inicia deve ser terminado; que o povo deve corresponder plenamente aos ditames divinos. Esse conceito de santidade compreendido como "ser ou estar completo, estende-se aos animais". Daí, diz Douglas, ser o híbrido negativo. A santidade exemplifica-se no completo. Ela conclui dizendo que "a santidade exige que os indivíduos se conformem com a classe à qual pertencem. E a santidade exige que as classes diversas não se confundam."¹³

Com esse conceito de santidade em mente, os hebreus viam a fauna. Eles descobri-

ram, argumenta Douglas, que o mundo animal está dividido em três esferas. Há animais que voam; eles possuem duas asas para voar e duas pernas para andar. Há animais que andam sobre a terra, e têm a unha fendida. Finalmente, existem os animais que nadam na água, os quais possuem barbatanas e escamas. Esses animais são puros. Eles se adaptam à forma de movimento de sua espécie. Qualquer animal que se desvia das características de movimento de sua espécie, é imundo; não está completo, e carece de santidade. Assim explica ela a origem da lei.

Para explicar o propósito dessa lei, Mary Douglas estabelece um paralelo entre a santidade requerida do homem e a pureza requerida dos animais. O ser humano deve ajustar-se às normas de perfeição física requeridas por Deus, e os animais às normas de movimento do grupo a que pertencem. Os animais transformam-se, dessa maneira, em símbolos dos seres humanos:

Animais puros	Israel
Animais imundos	os pagãos
Animais puros usados como sacrifício	os sacerdotes

O propósito da lei era servir de memorial ao israelita. Quando o povo comia os animais limpos, lembrava-se de sua relação exclusiva com Yahweh e seu dever e responsabilidade de ser santo diante de seu Deus.

Essa teoria apresenta alguns problemas. Em primeiro lugar, ela não explica de maneira satisfatória por que a ovelha, o boi e a cabra, que têm unhas fendidas, são limpos, enquanto o porco, que também tem patas com unhas fendidas, é imundo. O porco não se havia desviado das características de movimento de seu grupo e, de acordo com a teoria que estamos discutindo, não deve ser imundo. Há aqui uma séria inconsistência na teoria.

Em segundo lugar, a teoria sugere que os animais puros são santos, pois obedecem à forma de movimento de seu grupo. São, portanto, "completos/santos". Isto é algo que Lev. 11 nunca estabelece. Os animais puros podem ser santificados ao serem oferecidos como sacrifício, de outra maneira não se tornam santos.¹⁴

Finalmente, a correlação simbólica que se pretende estabelecer entre os animais limpos e os imundos, e o povo israelita e os

gentios, é frágil. Procurar afirmar que os animais simbolizam o ser humano e que, portanto, pode-se dessa forma explicar o propósito da lei, é ir além da evidência bíblica. Tudo quanto se poderia dizer é que a lei teria o propósito de definir o que o povo podia comer, e de contribuir para preservar a santidade da nação. Qualquer interpretação simbólica é, na verdade, um uso metafórico da distinção entre o limpo e o imundo.¹⁵

4. *Interpretação carnívora*: Num esforço por explicar por que alguns animais são limpos e outros imundos, foi sugerido que os imundos são animais carnívoros. Eles comem carne com sangue.¹⁶ Em muitos casos, essa teoria é certa, particularmente no que se refere às aves. Não obstante, não se pode explicar com ela cada caso em particular. Há animais imundos que não são carnívoros. "Por que devem ser limpos os bodes, e não os porcos? Por que devem ser considerados comestíveis os gafanhotos, e não os outros insetos? Qual o conceito seguido na divisão entre os seres da água?"¹⁷ São algumas das perguntas a que esta teoria não pode responder.

5. *Interpretação idolátrica*: De acordo com essa teoria, os animais imundos em Israel eram os utilizados como sacrifício pelos pagãos. Às vezes eram também usados em relação com a magia ou a superstição.¹⁸ Sabemos que a maioria dos animais imundos mencionados em Lev. 11, eram usados nos cultos pagãos. Não podemos esquecer, porém, que os animais sacrificados a Yahweh em Israel eram também usados como sacrifício às deidades pagãs. A teoria não é satisfatória.

6. *Interpretação demoníaca*: Sugeriu-se que os animais imundos foram considerados como tais pelos israelitas, porque entre os pagãos esses animais estavam associados com o mundo dos demônios, das divindades dos mundos inferiores, isto é, com o mundo da morte e o caos.¹⁹ Tudo parece indicar que realmente todos os animais imundos se acham relacionados direta ou indiretamente com tais idéias. Alguns deles, como o camelo, não estão relacionados com os demônios de maneira clara, mas estão associados com aspectos demoníacos, e.g. o deserto, as ruínas. De acordo com essa teoria, os animais imundos foram recusados como alimento por sua relação com as forças da morte.²⁰

Essa interpretação tem a tendência de

passar por alto o fato de que alguns dos animais imundos são associados entre os pagãos com forças do bem. O leão, por exemplo, era símbolo das forças do mal. Amiúde os demônios eram representados com a forma de um leão. Todavia, o leão era também usado para representar o poder da vitória. No Egito, mesmo os reis eram representados como leões. Por outro lado, mesmo a alguns animais limpos eram atribuídas características demoníacas entre os pagãos. Por exemplo, as características do touro eram usadas para ilustrar o poder atribuído aos demônios.²¹

O acima exposto indica que esta teoria não é tão consistente como parece ser. Deve-se reconhecer, não obstante, que em linhas gerais os animais imundos parecem estar ligados com símbolos de morte, ainda que não exclusivamente.

7. *Interpretação higiênica ou de saúde*: Essa teoria considera a lei sobre os animais limpos e imundos uma lei de saúde. Sua intenção era definir ou identificar quais, dentre os animais, podiam ser usados como alimento, sem que a saúde do indivíduo fosse comprometida. Aqueles animais que apresentavam problemas de higiene, e que poderiam transmitir seu estado de saúde ao homem, eram considerados imundos. Essa interpretação tem origem no escritor judaico Moisés ben Maimon (1135-1204 DC), mais conhecido como Maimonides.²² Há também um bom número de exegetas modernos que a aceitam.²³

Ela foi severamente criticada por Gordon Wenham.²⁴ Em primeiro lugar, embora ele reconheça que algumas das proibições possam ser explicadas em termos higiênicos, e.g. o porco, mostra que o mesmo não acontece com outros. Há, entre os animais limpos, argumenta ele, alguns que podem transmitir doenças, e deveriam ser classificados como imundos, mas não o são.²⁵ Em segundo lugar, Wenham diz que o Antigo Testamento não diz que os animais imundos não devem ser comidos porque põem em perigo a saúde. Em terceiro lugar, pergunta: Por que não foram incluídas as plantas venenosas entre o que se considera impuro? E, finalmente, se a razão pela qual alguns animais são imundos é higiene e saúde, por que o Senhor Jesus declarou limpos os animais imundos?²⁶

De todas estas avaliações, a mais grave é a que estabelece que mesmo entre os animais limpos há alguns que transmitem

doenças. Qualquer realce no aspecto higiênico dessas leis deve reconhecer esse problema.

Dizer que o Antigo Testamento não reconhece o elemento de saúde nessas leis, não é necessariamente correto. O simples fato de que essas leis determinam o que se pode e não se pode comer, deve alertar-nos da possibilidade de um realce na saúde.

Perguntar por que as plantas venenosas não foram incluídas, é irrelevante. Deve-se discutir a informação que se tem; não aquela que alguém acha que deve ter. Além do mais, no livro de Gênesis já se havia definido o que o homem podia comer da flora (1:29).

A suposta abolição das leis de saúde por Jesus, deve ser discutida à luz das tradições judaicas do primeiro século DC (S. Mat. 15:1-20; S. Mar. 7:7-23; Atos 10 e 11).²⁷

Esta breve recapitulação das principais teorias expostas para explicar a origem e ou propósito das leis dos animais limpos e imundos, revelou que nenhuma teoria foi capaz de resolver o problema que estamos discutindo. Mesmo a teoria higiênica, que parece ser a melhor, não deixa de apresentar alguns problemas. Isso fez com que um grupo de eruditos cresse que é possível descobrir a origem e propósito dessas leis.²⁸

O estudo dessas teorias nos proveu de uma informação básica para a análise. Praticamente todas as teorias reconhecem que o texto bíblico provê uma base racional para a lei: a santidade. Este é o elemento que justifica a existência da lei. Além disso, reconhece-se que a lei está definindo os tipos de animais que se podem e que não se podem comer. Esses dois aspectos — o de santidade e o de alimento — são de fundamental importância ao procurarmos explicar a origem e o propósito da lei dos animais limpos e imundos.

Origem e Significado da Lei de Animais Limpos e Imundos

Na busca de entendermos, devemos partir daquilo que nos diz o texto bíblico. Se temos de averiguar a origem e significado da lei sobre animais limpos e imundos, devemos começar com a interpretação que Lev. 11 nos fornece. Como já dissemos, essa interpretação é santidade (*gadosh*):

Lev. 11:44 e 45:

“Porque Eu sou o Senhor vosso Deus; portanto vós vos santificareis, e sereis santos,

porque Eu sou santo; e não contaminareis as vossas almas por nenhum réptil que se arrasta sobre a terra; porque Eu sou o Senhor, que vos faço subir da terra do Egito, para que Eu seja vosso Deus, e para que sejais santos, porque Eu sou santo.”

Esse interesse em santidade está diretamente relacionado com os animais limpos e imundos (Lev. 20:22-26; Deut. 14:21; Êxo. 22:30). O interesse de Deus é preservar a santidade do povo, proibindo-lhe comer alimentos impuros. Ele lhes permitiu participar de Sua santidade. Essa santidade é o que Ele é, o que o torna Ser único, singular, diferente; comparado com tudo o que existe Ele é santo, isto é, inacessível, devido ao fato de que Ele é completamente o Outro, o Diferente.²⁹ Não obstante, Yahweh permitiu a Israel participar de Sua santidade. Eles pertencem a Yahweh e são santos.

Essa santidade retém sempre seu caráter de dádiva e pode, portanto, ser perdida. Especificamente, o consumo de alimentos impuros contaminaria o povo e lhe eliminaria a santidade. Por outro lado, os alimentos puros, embora não sejam santos, não destroem a santidade do povo. A obediência à lei que regulamenta o consumo de alimentos puros contribui para que o povo preserve sua santidade.

O exposto indica que deve existir algum tipo de relação entre o Deus Santo e os animais limpos. O livro de Levítico deixa claro que somente aquilo que é puro pode aproximar-se do que é santo, pois tem o potencial de ser santificado. Isto é certo, principalmente no caso dos animais limpos. Eles são santificados ao assumirem a forma de uma oferta ou sacrifício. Esta relação entre a santidade de Deus, o animal limpo e o sacrifício desse animal, aponta para a origem da distinção entre os animais limpos e os imundos.

Estamos prontos para sugerir que originalmente a distinção entre um animal limpo e um imundo foi estabelecida por Deus para determinar o tipo de animal que Ele aceitaria como sacrifício sobre Seu altar. Somente os animais puros podem tornar-se santificados por Deus, e isto acontece tão somente quando o animal assume a forma de um sacrifício oferecido a Yahweh.

Para fornecer apoio bíblico a nossa sugestão, devemos referir-nos à passagem na qual, pela primeira vez, é mencionada a lei dos animais limpos e imundos. Referimo-

nos a Gên. 7:2 e 3. Antes que viesse o Dilúvio, Deus ordenou a Noé: "De todo o animal (*behemah*) limpo tomarás para ti sete e sete, macho e sua fêmea; mas dos animais (*behemah*) que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea. Também das aves (*cof*) dos céus sete e sete, macho e fêmea, para se conservar em vida a semente sobre a face de toda a terra."

A primeira coisa que devemos notar é que esta distinção entre animais limpos e imundos é introduzida na narração de forma inesperada. A brevidade da passagem revela claramente que a distinção entre animais limpos e imundos era algo conhecido anteriormente por Noé. Em outras palavras, a lei não estava sendo criada naquele momento. Em segundo lugar, devemos notar que são mencionados dois tipos de animais, apenas. Um é chamado *behemah* ("animal"). Com essa palavra, designam-se provavelmente os animais quadrúpedes em geral, ou talvez os animais quadrúpedes domésticos. *Behemah* poderia ter ambos os significados.³⁰

O segundo tipo de animal mencionado são as aves dos céus, *cof* = "aves". Claro está que estes animais não foram os únicos que entraram na arca. De acordo com Gên. 6:19 e 20, entrou na arca todo tipo de animal, ave e réptil. Contudo, ao se fazer referência ao conceito de animal limpo e não limpo, mencionam-se apenas dois tipos de animais. Isto é interessante, quando nos lembramos de que Lev. 11 inclui nessa distinção todo tipo de animal, ave, peixe e réptil.

Em terceiro lugar, devemos notar que a distinção entre os animais limpos e os imundos em Gên. 7:2 e 3, não é determinada pela preocupação com o que se pode ou não comer. Com efeito, a narrativa da experiência de Noé com relação aos animais que entrariam na arca, pressupõe que os animais não faziam parte do regime alimentar do homem. Noé recebeu autorização para comer carne unicamente depois do Dilúvio (Gên. 9:2 e 3). Ao criar o homem, Deus lhe proveu uma dieta vegetariana (Gên. 1:29). Gênesis 6:21 sugere que Noé era vegetariano.

A leitura de Gên. 7:2 e 3 suscita, portanto, duas importantes perguntas: 1) Por que a distinção entre animais limpos e imundos se limita exclusivamente a dois tipos de animais? e, 2) se a distinção não é determinada por razões de alimentação, qual é o propósito da lei? Ambas as perguntas são

respondidas em Gên. 8:20: "E edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo o animal (*behemah*) limpo, e de toda a ave (*cof*) limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar." A distinção entre o animal limpo e o imundo tem como propósito identificar os animais que podem ser oferecidos no altar de Yahweh como sacrifício. A distinção limita-se a dois tipos, porque era apenas dentre esses dois grupos que se sacrificavam animais a Yahweh. Nunca eram sacrificados a Deus insetos ou peixes. Eram-Lhe oferecidos somente quadrúpedes e aves. Por meio da lei sobre animais limpos e imundos, definiu Ele originalmente dentre esses animais, aqueles que eram limpos e poderiam ser levados ao Seu altar para ser oferecidos como sacrifício.

Devemos forçar um pouco mais nosso argumento. Seria possível descobrir o critério usado para estabelecer a distinção entre os animais limpos e os imundos? Não dispomos de um só versículo bíblico que nos revele de maneira clara e inequívoca esse critério. Contudo, há uma série de passagens bíblicas que definem o critério usado para proibir o oferecimento de certos animais limpos como sacrifício a Yahweh. Se lembrarmos que animal imundo era aquele que não se podia em nenhuma circunstância oferecer como sacrifício ao Senhor, seria então certo concluir que deve existir algum tipo de relação, em termos de critério, na recusa de ambos os tipos de animais como sacrifício.

A característica comum a todos os animais sacrificáveis, além de serem limpos (*tahor*), era serem perfeitos, (e.g. Lev. 1:3, 10; 3:1, 6, 9; 4:3, 23, 28, 32; 5:15, 18; 6:6). A palavra hebraica traduzida por "perfeito" nessas passagens é *tamim*. Esse vocábulo designa aquilo que é ou está completo. Um animal era *tamim* ("perfeito") quando não tinha nenhum *mum* = "defeito". Um animal com defeito *mum* poderia chegar a ser considerado uma abominação (*tocebah*), algo detestável ao Senhor, e Ele o recusava como sacrifício.

Saber quais os defeitos que desqualificam um animal limpo como possível sacrifício, não é difícil. Os defeitos aos quais o termo *mum* se refere, são mencionados principalmente em Lev. 2:18 a 25. Em especial, é nos versículos 22-25 que se encontra a lista de defeitos. Vejamos brevemente essa lista, sem esquecer-nos de que não sabemos com certeza o significado de alguns termos usados. Lev. 22:22

— “Cego”. A palavra hebraica é *caweret*. Com ela se designa uma enfermidade conhecida como maurose. Essa doença é um tipo de cegueira causada por uma lesão na retina ou no nervo óptico.³¹

— “Quebrado”. A tradução literal da palavra hebraica *shabur* é “rompimento”. Daí ser traduzida como “fratura” (de braço ou perna).

Não obstante, é muito provável que *shabur* se esteja referindo à *hidrocele* (hidropisia do escroto), ou *hérnia*.³²

— “Aleijado”. A palavra hebraica *harus* significa “corte, mutilação”. Alguns têm sugerido que com ela se poderia estar designando uma deformidade caracterizada pela divisão do lábio superior, conhecida como *leporino*.³³

— “Verrugoso”. Embora *yabbelet* seja geralmente traduzido como “verruga”, é muito provável que com ele se designe algum tipo de acne.³⁴

— “Sarnoso”. *Garav* é usado para designar uma erupção supurativa na pele (uma chaga ou úlcera).

— “Impingens”. Essa enfermidade, como a anterior, é uma doença de pele. Com ela (heb. *yallefet*) provavelmente se esteja indicando um tipo de sarna que dá nas ovelhas.

Lev. 22:23

— “Comprido ou curto de membros”. Em hebraico temos duas palavras apenas — *sarua^c* e *qalut*. Lamentavelmente não se sabe com certeza o significado dessas palavras. Os dicionários indicam que *sarua^c* designa alguma espécie de deformidade ou mutilação corporal. Comumente, crê-se que o vocábulo designa uma mutilação ou deformidade do nariz ou da orelha. Com respeito a *qalut*, desconhece-se seu significado. Talvez se refira a animais que não cresceram normalmente.

Lev. 22:24

— “Machucado”. O vocábulo hebraico (*ma^cuk*) vem do verbo *ma^cak*, que significa “apertar, pressionar”. *Ma^cuk* refere-se aos testículos amassados ou triturados dos animais.

— “Moído”. A palavra *Katut* vem do verbo *katat*, cujo significado é moer.

— “Despedaçado”. *Natuq* significa “desprendido, arrancado”; do verbo *nataq* = “arrancar”.

— “Cortado”. *Karut* deve ser traduzido provavelmente como “castrado”, do verbo *karat* = “cortar”.

Em Deut. 15:21, são mencionados outros

defeitos que impedem que um animal seja oferecido como sacrifício ao Senhor. O primeiro é *pisheha*, cujo significado é “coxo”. O segundo é *Ciwr*, do verbo *c^ur* = “cegar”, “cego”.

Esta lista de defeitos dos animais nos ajuda a compreender melhor o significado da palavra *mum* (“defeito”). Os defeitos dos que aqui se mencionam são de duas espécies: 1) defeitos físicos (e.g. coxo, castrado), e 2) enfermidades. Estes defeitos impedem que o animal limpo possa ser oferecido como sacrifício sobre o altar do Senhor. Esses animais não eram “perfeitos, completos” (*tamim*).

Convém notar que o bom estado do animal, sua saúde, é muito importante. Este realce à enfermidade como um defeito, pertence ao aspecto semântico do vocábulo *mum* (“defeito”), não só quando aplicado aos animais, como também a seres humanos (Lev. 21:18-20). Um bom exemplo se encontra em Dan. 1:4. Nessa passagem, Daniel e seus companheiros são descritos como sendo sem defeito (*mum*), e seguidamente se explica o que se deseja dizer, indicando que eles tinham (*tove mar^eh*) “boa aparência”. Um rápido exame do capítulo 1 mostra que essa frase significa que eles gozavam de boa saúde. Quando se negam a usar o manjar do rei, o chefe dos eunucos se assusta e lhes diz: “Tenho medo do meu Senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que veria ele os vossos rostos (*penim*) mais tristes (*zo^cafim*) do que os dos mancebos... assim arriscareis a minha cabeça para com o rei” (1:10).

A preocupação do chefe dos eunucos é que seus rostos se revelem doentes. A palavra (*zo^cafim*) em sua forma verbal *za^caf*, significa “mostrar-se enfermo, extenuado, fraco”.³⁵ Daniel pede que se faça a experiência, permitindo-se-lhes comer verduras e beber água por dez dias: “Então se veja diante de ti o nosso parecer (*mar^eh*) e o parecer (*mar^eh*) dos mancebos que comem a porção do manjar do rei...” (1:13).

Note-se que o substantivo *penim* (“rosto”), usado no capítulo 1:10, é sinônimo de *mar^eh* (“aparência”). No final de 10 dias, verifica-se, ao examinar Daniel e seus companheiros, que os seus “semblantes” (*mar^eh tov*) eram melhores do que o dos outros jovens. A expressão *mar^eh tov* é basicamente a mesma que foi usada em 1:4, e que foi traduzida por “semblantes melhores”.

Conclusão no próximo número.